

Vila Nova de Gaia,  
20. Dez. 89

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
ARQUIVO FCS	01.216.15

Aménio Amigo:

Não é refuso que este cartão lhe chegue  
às mãos amanhã de manhã na sexta-  
-feira. O que poderia dizer-lhe é que  
sej. amanhã, quinta, fosse Lisboa e que  
eu permanecerei até sábado, às 11 horas  
(hora de partida do comboio "Alpha").  
Vi no "JL", uma referência à sua "ex-

posicion autolópica,, na baleric Soclips e por lá  
Telefoni estz manlta, a pugnata a que hora,  
na próxima quinta - feira (amanhã), se inaugura  
differam - um p o for já na semana passada.  
Na ieri lá nê - la, na sexta. Botarie, intulato,  
de estar cursis, de nê - lo. Se esta mensagem  
me chegar a tempo, contate - me pelo telefone  
4101358 (de cash de unhas irunã, em Aljés),  
oude, afinal, massamente me delerei.

Sei que já se encontra instalado na sua  
nova casa - differam - um na Soclips. Sei tam  
beem, que o seu álbum já saiu. Ficou bonito?  
Um grande, grande abraço de seu unito  
dedicat

---

ALBANO MATEUS

R. Fernão Mendes Pinto, 167

4400 VILA NOVA DE OIA



01.216.15

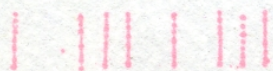


Paulo UNIVERSIDADE DE ÉVORA CRUZEIRO SEIXAS

Rua Vitor Cordeiro, 45-B,  
4.º Dto - Sala H

1200 LISBOA

*faça com cuidado*



Vila Nova de Gaia,  
24. Jan. 90

Querido Amigo:

Uma certa (e recente) abulia, que se vai tornando crónica, tem retardado o ajustamento que lhe devo pela tão amiga grande generosa oferta do seu álbum que há uma semana me chegou pelo correio. Trata-se de uma preciosa homenagem, de uma justíssima homenagem sinceramente feita ao meu nome a ela não aparece associada culpa de forma, ao qual não terá sido semelhante a qualidade bastante para ali figurar. Paciência. Das telhas que há isso tenho. O livro, esse, permite-me viajar através do tempo - o tempo da sua pintura - abarcar a luminosa (melhor seria dizer incandescente) trajetória que é a sua e reconhecer nela o cinza que faz de sua obra um documento humano e artístico superior. E não fosse o "momento de miserabilismo espiritual por me estarem passando", como diz o vigário Brannell (eu diria: que tenho passado e continuarei talvez passando), a sua obra já se teria juntado à posição - ímpar, não o duvido - que por direito

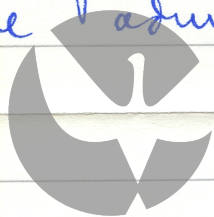
the pertence no quadro de pinturas portuguesas,  
de 1880 ou de outro qualquer tempo. Não é o  
meu amigo, meu "profissional", ou sei. É sei  
também que isso lhe não justam os "profissio-  
nais", o "estabelecimento da glória", os prazeres (de  
estatura - humana e artística - e de espírito) que  
por aí pululam. Num tempo e numa sociedade  
onde a coerência é um risco, o meu amigo  
aporta nela, a coerência. Feito de coragem, sim,  
mas também de humildade, humildade que é  
sabedoria, porque tudo, afinal - e alguns en-  
tendem-se a ignorá-lo - é precário. Eterna  
é a própria precariedade, humildade  
seu si admira e DE ÉVORA dessa coerência e  
dessa coragem, o passo subtil que de sua obra  
se depende e, também, essa obra, unida sua,  
de autenticidade. Bem haja. Pelo álbum, pela  
sua pintura, pela vida que ela encerra e, ainda,  
pela sua verdade.

Também eu tive pena de não poder estar  
consigo em Lisboa, na semana anterior ao  
Natal. Na Galeria Sotiris, onde admirei a sua  
"exposição autológica", disseram-me que talvez o meu  
amigo passasse por lá essa manhã. Estava com  
dois amigos brasileiros - meu casal - que se des-  
lumbraram, também eles, com a sua pintura.  
Esperamos, a pé firme, durante algum tempo, a  
sua chegada. Depois, saindo, deixei-o em

um abraço, que espero lhe tenha sido transmitido,  
através do diretor da galeria.

Recebi, sim, o seus votos para 90 e, em-  
bora um pouco tarde, não quero deixar de lhes  
retribuir aqui. É que a direção da obra, se  
não "o autor anônimo", esse que sempre deseja  
(e quem o não terá desejado?), ao menos al-  
guns daqueles pequenos favores que, sendo em-  
bora substituídos, não deixam, todavia, de  
aliviar um tanto o peso da solidão "assumida".

Um grande e grato abraço do seu dedicado  
amigo e administrador



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

xxxxxxxxx

P.S. - Uma foi que o Teixeira de Azevedo, que che-  
gam a via a minha casa, não tendo, afinal,  
selecionado nenhuma das suas peças em meu  
poder para o álbum. É ele Teixeira - me  
diz que mandaria cá o filógrafo. Não mandou...

Vila Nova de Gaia,

3. Abr. 90

Amizade:

Amizade - me na resposta devido à tua carta de 11/2 à espera de poder contactar-te pelo menos num dos meus livros, em diversos pontos editorial. Um deles, agora sob como fronts vai, afinal, ser passado à guarda para decisão do promotor de arte, insatisfeito com a qualidade gráfica dos desenhos, de que o autor (trata-se do pintor Tiago Daniel, residente em Vila Nova de Gaia), decidiu mandar destruir a edição e processar a tipografia. O outro, cujo lançamento (é uma edição de 10-07) meir há semanas anunciado no IL, tarda em se mostrar, também ele, nas montagens das livrarias, onde por certo vai envelhecer.

E quanto aos vós os livros, vai, apesar embora, o meu apelo através das vossas cartas, tão amigas e solidárias, tão humanas e verdadeiras.

Não dê à "folha volante" de Cesariny a importância que ela não tem ou não merece. Trata-se dum gesto que não mobiliza o seu

UNIVERSIDADE DE EVORA

4. 20. 10 2014

autor, e o tempo se encarregará de o avaliar. In-  
felizmente (melhor, lamentavelmente), a nossa  
vida literária e artística está cheia de mani-  
festações desse quilate. Dê-la, a vida literária, no  
que de acendidos, de mesquinhos e de "obscuros"  
ela tem, vivo de há muito relaxado, cedendo, como  
aí, os custos que uma tal atitude acarreta  
e está, julgo eu, bem à vista. Os não factos  
com indignidade. De resto, estou de acordo consigo,  
quando me diz: "Tudo é a perder e a registrar, em  
o inexorável passar do tempo". De quando alguma  
que este é um "presente de deuses antigos".  
E igualmente se o que assim se pensa. De  
reis e pontífices se a história que também  
um dia os seus e o pontificado, cada um deles  
um auto, às vezes, mais que a memória dos  
acontecimentos. E, porque de um centeno aqui, cons-  
troem toda a sua glória no presente. Afundados  
como convém, por uns sábios e medíocres  
este de vassallos, que serão os primeiros a  
esquecê-los e a servir outros senhores quando  
o inferno ameaçam desmoronar-se.  
Não, não fizeste nada, pelo facto de o meu  
prezioso não ter entrado no seu livro. O que eu gostaria  
era de me ter, com ele, associado à homenagem  
que lhe era prestada. Isto não.  
Um grande e gratos abraço do seu amigo, muito  
afectado

caetano



Vila Nova de Évora,  
18. Junho. 90

Querido Amigo:

Como hei-de desculpar-me? Por este silêncio, esta desatenção? Três cartas suas aguardam aqui, sobre a mesa, numa resposta que mecho ladoado, adiado, que tarda e tarda... E já me pesa este adiamento e acreditar-me-a, e a culpa por razões outras que são o esquecimento, a desmemória. São os livros, esses que lhe mandei, e o peso deles, o envio deles a outros amigos, outras cartas, daquelas que afetam (e infestam, às vezes) o dia a dia. A turbulência do gesto, nunca melhor, sem significado, outras atordoadas do sentido, a vontade.

E agora lhe agradeço, emovido, as suas palavras - tão suas, tão ao jeito de sua sensibilidade, de sua amizade - sobre a Vozes do Silêncio e os Paranormais da Memória. O livro aí está. Fatigam, talvez, de tão longa demora, assim fatigadamente vão seguindo o meu percurso, à espera do even-

Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Letras  
27

Tuair (sempre improvisais) litores. Porque, que a poesia não teve (e teve - o alguma vez?) lugar garantido no espectáculo deste nosso quotidiano opressado, donde a imaginação foi varrida. E, à parte um ou dois "dubés", que superlativamente vão com "tuba sacada e belicosa", promovendo os seus ídolos (de barro, como um dia se seria), ninguém dá por ela, a poesia. Ainda ainda pela miúda, que não satisfaz, pelo visto, o requisito da moda. Nem eu pretendo já se vê aqueles grupos de apostas, virtuais, onde se joga (e de perde) a individualidade de jóia das evidências, das transigências. É tarde para aqueles a alma do diabo. Não o fit; não o jare.

Falo de si numa entrevista que há algumas atrás comedi ao Baptista - Basto, e que este irá publicar no suplemento cultural de "O Diário". Já, digo, porque, como sabe, "O Diário", cessou há dias a sua publicação. Julgo que, em face do acontecimento, o Baptista Basto, irá tentar outro espaço para a entrevista. Se (e quando) ela sair, não deixarei de o avisar.

No próximo dia 27, à noite (às 21h 30m) vou estar aí, no Centro de

Site Ordem da Gulbenkian numa sessão pública durante a qual o meu livro (a Vozes do Silêncio) vai ser analisado pelo poeta e ensaísta Fernando J. B. Partidos. Trata-se de uma das sessões mensais (ou trimestrais?) promovidas pelo TEN CLOZE sob a designação de "Jornal falado", para apresentação de três obras seleccionadas nos domínios da poesia, do ensaio e da ficção. Se quiser (e puder) aparecer por lá, bem sabe que gostarei muito de vê-lo e abraçá-lo. E conversaremos, talvez haja, até, possibilidade, no dia 28 (se regressarei ao Porto nesse dia, lá para o fim da tarde) dar-lhe um salto ao seu "atelier".

Uma tive, naturalmente, que me não tivesse contactado apurando da sua vinda ao Porto. Distraidamente, e no dia seguinte, pelo jornal, tive conhecimento de uma participação na Casa de Serralves numa mesa-redonda sobre o surrealismo. E não pude, assim, estar lá, como seria natural.

Ver-nos-emos em Lisboa? Assim o espero. Por agora, diga-lhe um grande e grato abraço, o muito seu

\_\_\_\_\_

Vila Nova de Gaia,  
25. junho. 90

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.216.19

Amado Amigo:



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

Sua mensagem recebida hoje,

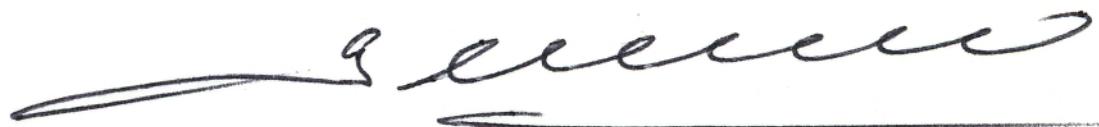
resposta:

1.º Que estm convidado para a  
reuniao, no dia 28, em o David Pousa -  
- Ferreira;

2.º dia, à hora de jantar, já estava  
de regresso ao Porto, pelo que tivemos de  
encontrar outra solução para estarem  
juntos alguns minutos.

Sugiro-lhe que me contacte tele-  
fonicamente, no dia 27 entre as 19h  
e as 20h 30m. Estou em casa de sei-  
ra e irna em Alfez. O n.º de telefone  
é o seguinte: 4101358.

Um grande, afectuoso abraço  
D. Ana



Vila Nova de Fais,  
13. julho. 90

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.216.20

Amado Amigo:

Anare em meças de partida (aigo no  
próximo dia 21) para o Brasil onde vou  
participar em dois congressos (um na Univ.  
do Estado, outro na Federal do Rio de Janeiro),  
mas, também em, levantar uma vez mais  
o(s) nosso(s) descontento(s) e a lentidão  
(inadmissível) do CTT lusitano. E  
quero, ainda, dizer-lhe que a autentica,

aquele em que já se de si, saiu afon (na  
passar Tereza - fina) no JL. Para o caso  
de a não ter visto (e não, sobretudo),  
apoiou-se deixo o visto.

Isso, no Rio, encontrar alguns uni-  
versitários, mas não sei ainda qual a situação  
de Évora, mas certamente antes de meados de agosto.

Um grande e afetuoso abraço,  
seu amigo dedicado

—————

Vila Nova de Gaia,

29. Out. 1990

Américo Sáez:

Não é um conselho, que me não sinto autorizado, nem sequer habilitado, a dar-lhe, suas graças, e formular a tempo este desejo, que admita o convite que de Paris lhe fazem, através da ACTUS. Tem razão: o nome nelp envolvidos são garantia de equívoca qualidade, de seriedade e de prudência. E o seu nome é indispensável em qualquer contexto do Surrealismo (inter e extra-muros).

E é de seu outro convite que agora lhe falo. O Rotary Clube de Gaia promove, julho que de dois em dois anos, uma ampla exposição em obras de artistas plásticos nacionais. No seu termo, as obras expostas são leiloadas e uma parte (30%) do produto da venda reverte a favor de uma instituição de carácter social sediada na área da cidade, mediante a aquisição de seus equipamentos ou serviços duradouros. A arte e a solidariedade de mãos dadas, como vê.





Vila Nova de Gaia,  
4. Fev. 1951

Amigo Amigo:

Respondo, sim, à minha carta. Eu  
é que, descurado, não acusei a recepção da  
sua. Nela me falava da sua passagem por  
Madrid, e dos reencontros com Giacometti,  
com Picasso - o da "Guernica" - com Toledo,  
e Guebra. A Espanha é aqui ao lado. Próxima  
e distante.

Para mim, a visão da península que  
afora de me oferece com mais frequência é a  
desse pedaço que se dá pelo nome de Alentejo. Mais  
próximo de nós pela geografia, pela língua,  
pela cultura, pela história. E ali pela paisa-  
ragem, pela verdade - como a do nosso  
Ninho - de suaves ondulações e de uma  
ruralidade ancestral e miúda. A dos "flores  
do verde pino".

há muito que não passo por Madrid  
por Toledo. Da última vez que atra-  
nessei a Espanha, fui a Barcelona  
rever o Gaudí, o "Bairro Gótico", as



Vila Nova de Gaia,  
24. Abriç. 1991

Amado Amigo:

É altura de lhe anunciar a minha deslocação a Lisboa no próximo dia 3 de Maio e de, em consequência, marcar consigo um encontro para o dia 4, sábado. A exposição do Museu de Vila Nova de Gaia é inaugurada no dia 11, pelo que urge agora recolher os quadros que ainda não chegaram. Assumo o compromisso de trazer os seus, tendo de cumprir-lh.

Pelo - lhe, então, que me diga, por favor, onde, e a que horas, poderíamos encontrar-nos no dia 4 de Maio, a fim de me entregar as três peças que destinou à exposição. Se me fosse permitido, sugeriria a sua casa ou o seu "atelier". Poderíamos ali, se estivesse de acordo (e se estivesse disponível, evidentemente) almosar ali antes e tratar do "negócio", antes ou depois.

Aguardando uma comunicação sua a

anunciar-me a hora e o local de reunião,  
pois espero não ser, desta vez, prejudicado,  
ou melhor, impedido, com as outras  
razões que sucederem.

Um grande e paternal abraço de seu

seu pai

P.S. - Para o caso de lhe não ser pos-  
sível transmitir-me, por escrito, o  
seu recado, o n.º de meu telefone  
(que já lhe envio) é o seguinte: 7112145.  
Judicário da UNIVERSIDADE: 02  
Em Lisboa DE EVORA em casa de minha  
mãe, cujo telefone tem o n.º 4101358.

Dados abraços

seu pai

na hora de sair,

26. Abil. 9/1

Meus amigos:

Foi complemento de telegramas, já fomos expedidos (e porque o telegrama já não tem seu serviço rápido), então, pelo, por correio aéreo (esta nova, mais expedita dizem, UNIVERSIDADE DE EVORA, mais cara, incrementos dos CTT), do Rotary Club de Évora pedem-me, em referência a seguintes dados, destinados ao catálogo da exposição, o qual já devia, dizem-me, estar impresso:

- Título de cada uma das telas que destina à exposição.
- Técnica utilizada em cada uma delas.
- Dimensões (também de cada uma delas).
- Preço por unidade.

O número de telefone de meu

serviço (para onde pode ligar entre as  
9 horas 30 minutos e as 17) São os  
seguintes: 698705; 692692; 692854;  
694226. O de minha casa, onde me  
encontro normalmente a partir das 18  
horas é, como sabe (julgo em que  
sabe) o 7112145.

Espero tenha já recebido a carta  
que lhe envio na passada quinta-feira.  
Depois disso fui contactado por um  
dos responsáveis do Rotary Clube de Évora,  
pedindo-me com urgência o documento  
além referido.  
Inquirido de como chegava aqui  
sem o falar muito apertado de  
ser dedicado

UNIVERSIDADE

DE ÉVORA

~~~~~

v. n. de baixa,  
5. Junho, 91

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FCS | 01.216.25

Meu D. Amigo:

Aqui, conforme prometido, o cheque  
(julgado em que ele vai a casa) relativo  
então deixado em minha casa. As  
a verba de minha D. suas peças. As  
outras duas estão já em minha casa e



aguardar o momento propício (uma desloca-  
ção minha a Lisboa ou outra qualquer  
circunstância favorável) para lhe serem  
desenvolvidos. Uma beleza, estas duas  
peças! Tiveste em Dinheir... não saindo  
de minha casa

Para a semana - de 10 a 14 - vou  
estar no Istar de Viterbo, em Vila Real, num  
seminário de tradução com três poetas  
norte-americanos. De: me, entre tanto, notícias  
suas. Um grande e afetuoso abraço de seu

Essecececece

Vila Nova de Fainha,

15. Julho. 91

Muird, King:

Assunto arrumado, creio: aquele meu "amigo" com quem chamo e visivelmente o não é, não passa, é claro (e já lho afirmei pelo telefone), de um oportunista. Descobriu, de repente, que podia fazer negócios - se não a curto, ao menos a médio prazo, para a custa da generosidade de alguns senhores e artistas, assim, ao qual vai colerando autógrafos, tirando fotografias, pedinchando obras, e desse "negócio", vive, ao que parece, não lhe há crédito. Inventa pretextos, não lhe aparecem. O indivíduo é mesmo "chato", e os "chatos" tiram-nos com "dum dum", "cu-primol", "crislina", ou qualquer produto (qualquer fetiche) de semelhante qualidade.

A minha estada no Palácio de D. João, seu Vile Real, teve como verdadeiramente curioso pensamento a fruição de uma semana de repouso entre grândiosas, grossas paredes e árvores de largos ramos, permitindo-me ainda a visita a um misterioso "Santuário" romano que há

por di feito, a uns três quilómetros: Panoias.  
A poesia - a dos países norte-americanos que  
um exemplo tradutor (na presença e com a co-  
laboração dos próprios, diga-se) - foi sobretudo pretexto  
de convivência, não propriamente com ela, a poesia, mas  
com o espírito dela e com alguns amigos. A poesia  
norte-americana - percebi-me disso agora em toda  
a evidência - não encaixa na nossa tradição poética.

A que "folha volante" : antes de mais,  
não juntou a ela, como prometia no seu  
cartão, "o texto do Schuster", recebido de Paris.  
Experimento em distração, já se vê, que  
espero suprir de alguma coisa. Essa  
maneira de "fazer" a "folha" acentua  
um pouco aquela sensação de tristeza e de  
náusea (de náusea sartriana) que há muito  
venho sentindo em relação ao ambiente cul-  
tural, literário e artístico que é o nosso.  
Em relação a essas "gentes que esbracejam  
em jornais e bares, fazem serem alhados e  
amidos" de tais que, acreditando (e, sobretudo,  
apoiando-se) nos "julgamentos dos nossos con-  
temporâneos", precisamente se esquecem de  
que há "daqui a uns bons 100 anos é  
que se vai saber a verdade possível". Por  
isso, dentro de um ano, nem eles nem  
nós estarão cá, o melhor é colhar no  
presente que ao futuro, sempre dividido.

Já jounis anticiaram já a minha participação no júri do Grande Prémio de Poesia 'D APE', que vai levar-me a distor umas três/quatro vezes a partir de meados de Setembro. Acredito que iremos ver-nos em umas dessas vezes, pelo menos. Lerão-me aí, então, as duas peças que subirei de exposição do Rotary Clube de Évora e estão, como sabe, guardadas em minha casa.

Entretanto, irei (< a partir de meados de Agosto) passar uns quinze dias ao Algarve, em cujas águas acoradas algumas vezes, no passado, me banhei, um tempo de férias e de canicula. Em Évora, nos finais da década de 60. Agora, a esplanada é a Praia de Luz, ali ao pé de Lago. No regresso, já em Setembro, visitarei Sevilha (há muitos anos) que em um ora lá alhar a bicalda, o Guadalquivir, a Torre del Oro, o Alcazar, o Parque Paris Suisse), Évora, Estremoz e Évora, lugares a que setou ligado por anos de vivência alentejana. Há aí os meus caniculas de verão, que preservarei em um casal de amigos brasileiros, ao qual irei também mostrar uma ou duas mais bonitas (a mais bonita?) deste país: Évora.

Um grande, afetuoso abraço do seu

\_\_\_\_\_

Vila Nova de Gaia,  
6 de Agosto. 1995

Querido Ruijs:

Muito em fase criativa, depois de um longo período de crise (uma depressão acedónica, de que já te falei) e de abstinência (inadvertida, como apela) poética. Depois de três livros escritos no espaço de um mês, trabalho agora num quarto ('numeral ordinal' não o quarto de dormir onde é a cidade, também tenho escrito alguns poemas, pelo modo de madrugada fora). O título que escolhi para ele é A voz do olhar, mas assalta-me de repente esta dúvida, que é recuado, sobretudo: será que tenho as cabecas e no ouvido um título já utilizado por alguém? Dúvida e recuado que me atormentam e do qual não sei como livrar-me. É que ele, o título, é o que melhor me guarda ou serve o meu propósito. Trata-se, na verdade, de poemas ausitados (uma vez mais, porque esta palavra é antiga) pelo objecto pictórico ou escultórico que à minha volta se constata ou em o qual convivo (ou tenho convivido) ao longo do ano.

Por hoje, pela manhã, ao olhar um do meu desenhos que ali em frente, suspensos do paredão, me fazem inalterável companhia e comigo dialogam sem silêncios, nasce o poema que transcrevo e que é, ainda desta vez, uma

pequena homenagem ao seu fulgor e ao seu poder  
criativo. Ai fica ele, o premo, a dizer-lhe o quanto  
a sua pintura (mesmo que se trate apenas de um desenho)  
me gola. Ei-lo:

## LEITURA DE UM DESENHO DE GROSZEDRO SEIXAS

Algumas árvores crescem  
no sono

do cavalo: as suas  
crinas. E é dos peitos

que as suas pernas

e os seus cascos nascem. E

em elas, mas também

em eles

que esboça

o vos permitido pelo sexo

oculto nos olhos.

Tua subida, sobretudo, um postal com uma vista  
de Baiona galega (há também, se não me enganar, uma  
Baione francesa), onde recentemente estive em divagação  
artística e onde escrevi uma dúzia de poemas.

Dê-me notícias suas, quando puder. E agrade-  
-me, também quando puder, os colóquios das exposições  
que ultimamente tem feito e de que me chegaram  
deos através de televisão e de imprensa escrita: em  
Lisboa (na galeria S. Damado?) e em Santarém.

Um grande abraço ao seu fiel amigo e também,  
além de fiel, comido e sincero admirador

É

Vila Nova de Guia,  
7 de Set. 1995

Amigo Henrique:

O poema sofreu algumas alterações - para  
melhor, julgo eu - ainda antes de me ir para  
o Algarve, desde que regressar, salgado e queimado  
como os peixes que habitualmente nos são oferecidos  
aos pais, à hora de almoço ou de jantar. Não vai, então,  
o poema na redacção que tenho como definitiva  
(mas não, afinal, o é) e datilografado, desta vez.

Diz-me, amigo, que me surria  
e me trazem uma visão acrescentada de sua "pintura",  
que, apesar de "indiferente ou mesmo hostil à arte  
abstrata, a eloquia", existe, todavia, em "tes-  
teamentos" (mas "testamentos" não são todas as coisas,  
todas as invenções do homem, situam-se elas a  
plano de arte ou no do embocamento?).

Carajos, hícido, despido de gargas, verdadeiro,  
duma autenticidade indispensável e sem modas, é o  
seu texto - documento incluído no catálogo de "Homenagem  
ao Dr. Henrique Lúcio". Não deveriam re-  
flectir os literatos e os artistas "profissionais", que  
são a maioria, esses para os quais, como diz, "a  
vida é um contínuo oxarismo" e tudo fazem (a  
tudo descer) para alcançar - a todo o custo e a  
qualquer preço - a fama e o triunfo. Os "profissionais",  
de arte... é de vida.

Diga-me agora: como se obtém um dos

35 exemplares de que vai entrar, segundo me anuncia a edição de "Citações em São Bento", do Diário Henrique Lima? Por subscrição? Se o for, gostaria que me considerasse desde já um dos subscretores. A menos que o preço por exemplar se mostre incompatível com as várias possibilidades financeiras...

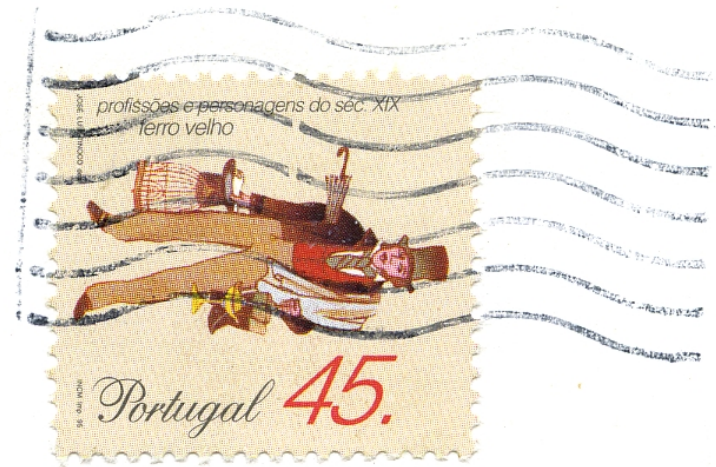
Durante a publicação dos seus poemas (e provavelmente apenas 30, se tem guardados "alguns outros"?), a dificuldade maior residirá, ao que me parece, na inclusão de "alguns desenhos" (quantos, os outros?). Há neste país algumas editoras que mantêm (oustruam) colecções de poesia: a "Lacuna", (que todavia é muito quase exclusivo de J. Manuel Tapalhões e Companhia), a "Aerol", a "Montagem",... Das não será fácil encontrar a publicação de um livro com essas características, que envolve os custos habituais das colecções e envolve despesas acrescidas. E há também a "Contexto", que já durante anos a editora "oficial" do Alentejo, a "Assírio e Alvim", (que tem editor o Cesário, o Herberto Helder e alguns outros, pouco, sempre ou nenhum), e a "Relógio d'Água", que já publicou, há anos, um livro de Raimundo Rosa e ultimamente invade o mercado da divulgação de poesia estrangeira. Em posse, se o deseja, tentará a "Montagem", (já ela que editou o meu último livro, Um Livro para o Trabalho - após galardoado e, pasme!, sem que eu tentasse concorrer, com o "Prémio Eva de Luísa", de Lisboa 1993, da Câmara Municipal de Lisboa). Das haverá sempre, repito, essa dificuldade: a de inclusão dos desenhos.

Muito grato e afetuoso abraço do seu amigo e amigo admirador

Esse



Albano Antunes  
R. Fernão de Azevedo, nº 167  
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE 01.216.28  
DE ÉVORA  
António  
Cruz e Silva  
A. D. Rosa, 152, 3.º  
1200 LISBOA



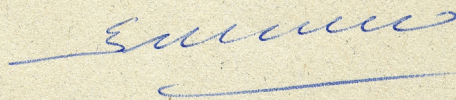
Vila Nova de Gaia,  
15. Novº. 1996

Caríssimo Amigo:

Esta é a carta (cópia dela) que me diz não ter recebido e lhe envie na data ali indicada. Mais difícil é reconstituir o postal ilustrado que de Atenas lhe escrevi, em Setembro passado, e me diz não ter recebido também. Era talvez uma visão da Acrópole. Ou de Delfos, aonde fui consultar o oráculo. Ou do templo (do que dele resta, algumas colunas apenas) de Zeus Olímpico, ali à beira do hotel onde estive hospedado. Ou da Micenas de Agamémnon, com a sua Porta das Leas. Ou do teatro de Epidauro, onde o ouro do tempo ainda persiste. Ou do templo de Posídon, no Cabo Súnion. Não sei. Por todos esses e outros lugares sagrados da velha Grécia andei em peregrinação, durante uma semana, em busca das raízes. E lá as descobri, por entre os destroços em que as hordas dos bárbaros transformaram uma das mais belas, ricas e fecundas civilizações de que a história dá notícia. E enchi os olhos de azul, daquele azul incomparável do mar grego, que descobri sobretudo num cruzeiro às ilhas de Egina, Poros e Hidra, ali em frente do Pireu, no Golfo Sarónico. E foi lá que escrevi este "apontamento":

São deste esmalte  
os olhos e a pele  
de Afrodite. É deste  
mar e deste céu  
a carne palpitante  
da beleza.

Cá espero as suas prometidas notícias.  
Um abraço muito apertado do seu



Vila Nova de Gaia,

14.07.1996

01.26.29

Querido Amigo:

Não lhe agradei (reparo agora que passaram entretanto cinco meses e meio!) a sua carta de fins de Janeiro. Vai perdoar-me a incorrecção, que só o é na aparência, como aparente é a descortesia que nela se configura.

Foram longos estes meses, de trabalho árduo na Universidade onde agora dou aulas, a Universidade Fernando Pessoa. Trabalho ainda não terminado de todo, pois me falta elaborar um ponto de exame, a realizar no próximo dia 16. E só no fim do mês estarei definitivamente em férias.

Tinha sabido, sim (embora não possa, neste momento, precisar a fonte da informação), do seu "estúpido acidente". A fisioterapia e o laser a que, diz-me, se estava submetendo terão ajudado à sua recuperação, que espero seja total neste momento.

Vi a exposição da Galeria Presença, ali ao Foco. O que dela escreveu o Óscar Faria é, concordo consigo, um bom exemplo de desatenção, de desconhecimento do seu "percurso de artista". Mas desatenta é normalmente a crítica (ou desatentos são os "críticos e ensaístas que temos"), quase sempre (pre)ocupada em obter favores e em os distribuir pelas capelas a cuja sombra se acolhem oficiantes e acólitos, como razão de sobrevivência. Terá sido sempre assim, assim será sempre. As peças (da exposição) eram bonitas, eu gostaria de ter muitas delas em minha casa (o que eu gostaria era de as ter todas aqui), mas não eram, de facto, das mais significativas do seu "percurso", embora em todas sejam visíveis as marcas do seu "génio" e da sua sensibilidade. E expressivos são também os três poemas "africanos" inseridos no catálogo, falando do "infinito de cada palavra", dos "livros infinitos ocultos sob a folhagem" e dos "leões / ardendo no seu cio". Precisa, meu Amigo, de publicar esses poemas, que pertencerão, certamente, ao número dos seleccionados pela Isabel Meyrelles. Quanto antes!

Muito obrigado pelas palavras que lhe mereceu o meu último livro (a crítica, como sempre, ignorou-o quase em absoluto). E muito obrigado pela fotografia "tão ostensivamente burguesa" que me enviou. Mas burgueses somos todos, afinal. Até os "camaradas" dirigentes do velho P.C. da ex-União Soviética o eram, ou a isso ardentemente aspiravam. Todos possuíam, ao que parece, belas e confortáveis "datchas" (com boas e fofas poltronas) para repouso das suas lutas proletárias.

Dê-me notícias suas, quando puder.

Um grande e afectuoso abraço do seu

(v.s.f.f.)

P.S. - Faltou um agradecimento: o que lhe devo pelo envio dos poemas do Mário Henrique, vendidos para o castelhano pelo Prof. Perfecto Cuadrado. Mas então as obras dos autores portugueses são agora primeiro publicadas no estrangeiro e só depois entre nós? Que país é este que temos?

A.



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

Albano Dautin  
R. Fernão de Albuquerque 16A  
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

216.29

Faculdade de Ciências  
Rua da Rosa, 152, 3.º Dto  
1200 LISBOA



Vila Nova de Gaia,

20. Dez. 96

Caríssimos amigos:

Terá recebido as minhas duas cartas, sendo uma delas cópia daquela outra que me disse um ter recebido, em julho, e em brevemente dos meus arquivos secretos. E cá me dizem a sua, de 14 de Novembro, que se terá cruzado com as minhas. Muito obrigado por ela e pelos bons desejos a que as suas palavras (ou as contidas, em ambas as cartas, em ilustração da sua personalidade artística).

Muito obrigado, também, pelas palavras que dedica ao meu livro e a que a crítica (se ela realmente existe) tem dedicado facinorosa atenção. Restam as envidadoras palavras de alguns amigos, vivos e mortos, a bem dizer, para enfrentar a luta corpo-a-corpo com a vida, no dia-a-dia carente e árduo.

Vejam, pelos últimos "JL", que as obras que os meus Henrique lhe deixam em herança estão a ser editadas em Espanha. Como fosse adquiridas, tratandose de edições numeradas - desde logo, restitas - e que não entrassem (nem vão entrar), por certo, no mercado português! Em folclore, em tempo, do meu interesse em adquiri-las, lembra-se? Será que ainda há nisso alguma

hipótese?

Entrem-me outra vez em casa, reunido pelo Rotary Club de baile (vício repetido destes senhores, que insistem em ignorar o seu endereço) a carta que escrevi junta. Trata-se, ao que presume, de novo pedido de participação sup. no Salon (o IX) de Artes Plásticas, a realizar em 97. É que eles são teimosos, e confiam, certamente, nos meus bons apetrechos, para a obtenção de qualques pecúnia. O meu amigo decidiu por si, se a minha presença é necessária.

Espero (e desejo, muito sinceramente) que o Natal que aí vem lhe traga alguma docura (um tanto por a boca, mas para o espírito, sobretudo) e que o ano de 97 (o ano feminista, antes de chegar do novo milénio) permita a reconciliação consigo mesmo, com os homens, com o mundo e com a vida. A reconciliação possível, que tudo é tumulto e desordem, neste 'universo povoado de sombras' e tenebras (e terrores).

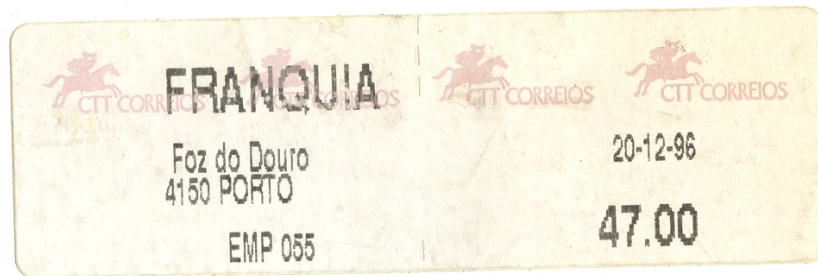
E cá espero, até à chegada do seu anúncio/prometido desígnio.

Muito grande e afectuoso abraço do seu velho amigo e fiel admirador.

Esseveres

P.S. - Sobre a sua exposição (junta à sua realia, dir-me) lá para a Cota de Copanica, lembro-me de ter tido, há umas duas semanas atrás, no "Expresso", uma breve (e tanto quanto me lembro também, inexpressiva) referência dum tal Oscar(?) Faia. Terá visto, certamente.

Albano Antunes  
R. Fernão Mendes Pinto, 167  
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE  
DE EVORA

01.216.30

António  
Cruz Fernandes

Rua de Rosa, 152, 3.<sup>o</sup>  
1200 LISBOA

212317

